



CFI-TOR Assembleia Geral 2013

ENRAIZADOS EM CRISTO, ENFLAMADOS PELO ESPÍRITO, VAMOS... TRANSFORMEMOS O MUNDO!

Conferência Franciscana Internacional dos Irmãos e Irmãs, da Terceira Ordem Regular
Assis, Itália, 27 de abril de 2013

*Anthony J. Grittings, CSSp. Professor Emérito de Teologia e Cultura,
União Teológica Católica, Chicago, EUA*





CFI-TOR Assembléia Geral 2013

CONFORMADO, LIMITADO – E HUMANIZADO – PELA CULTURA

A etnicidade – em grande parte uma questão de genética e de *natureza* – descreve *quem somos*; a cultura – em grande parte uma questão de socialização e educação – é responsável pelo *quê, como e por que fazemos* o que fazemos. A cultura, entre suas inúmeras características e funções, nos situa como membros de um grupo social particular: tribo ou nação, religião ou profissão, mosteiro ou prisão. Não existe pessoa sem cultura. Os milhares de culturas e subculturas existentes no mundo são formadoras e intérpretes da linguagem, do significado da realidade e da experiência. A cultura é participativa e relacional. Uma pessoa, astutamente, afirmou, "nenhum ser vivente é independente; se tal coisa existisse sem uma referência individual, nenhum de nós o saberia." ^[1] As culturas não são mutações aleatórias da humanidade, mas são transformações maravilhosas – embora imperfeitas – do que são os seres humanos socialmente; elas têm uma função imprescindível na criação e manutenção de grupos humanos em toda sua versatilidade. A transformação – processo de mudança de criança indefesa a um adulto maduro – é um pré-requisito.

Todas as expressões de espiritualidade e fé, sem exceção, são contextuais e, portanto, parciais e limitadas, porque são influenciadas pelas características históricas e geográficas da cultura. A fé se expressa através da cultura – pela maneira como, quotidianamente, lidamos com a vida. Por esta razão, seria insignificante refletir sobre a fé em abstracto, sem considerar a sua expressão cultural específica. Há tantas maneiras de ser religiosos, quantas culturas, subculturas e indivíduos existem. Nós, religiosos professos/profissionais, somos todos diferentes, e nenhum de nós pode ser reduzido a um tipo ou padrão, ou conformado ao exemplo ou expectativas de uma outra pessoa. Ainda - e isso é fundamental – embora sejamos únicos e nossa individualidade deva ser respeitada, nós também somos, num nível fundamental, todos os mesmos. Este é o grande paradoxo humano: embora diferentes etnicamente, culturalmente e individualmente, partilhamos uma humanidade comum. Antropologicamente, somos uma única raça humana. Mas, precisamente, por causa de e através de nossas diferenças, podemos testemunhar uns aos outros os valores humanos e espirituais e ajudarmo-nos a viver de acordo com esses valores, a fim de construir uma sociedade mais justa e fraterna.^[2] Infelizmente, não fomos ensinados a usar nossas diferenças de maneira eficaz, porque a cultura – e a religião – tende a tornar-nos adversários, quando poderíamos ser bons colaboradores, a tornar-nos críticos e indiferentes, quando poderíamos ser mais respeitosos, inclusivos.



CFI-TOR Assembléia Geral 2013

O que nos une como Cristãos, teologicamente, é nosso empenho para estarmos enraizados e unidos a Cristo, considerando a diversidade cultural e linguística e os contextos sócio individuais. Em minha apresentação, pretendo abordar algumas das implicações deste fato social e sugerir como as nossas diferenças, de maneiras complementares, ajudam a responder à iniciativa de Deus, comprometendo-nos com a *missio Dei* – missão eterna de Deus – e, encarnados e enraizados em Jesus, por seu convite, ampliá-la a todos os que são batizados, chamados e enviados em seu nome.

A importância da cultura na formação e articulação da espiritualidade vivida pelas pessoas tem sido seriamente subestimada, em muitos lugares e até recentemente. As comunidades Religiosas podiam aceitar candidatos de culturas diversas, desde que os responsáveis pela formação fossem de origem da cultura do fundador ou de um bloco linguístico global. As novas gerações de religiosos eram simplesmente absorvidos pela cultura dominante ou pelo seu *modus operandi*. Isso não só reduziu a possibilidade de incentivar que a vida religiosa se enraizasse e portanto florescesse como tem atrofiado o crescimento saudável de gerações de religiosos – vários indígenas, culturas locais - de quem era esperado que pensassem, vestissem, comessem, rezassem e adorassem de maneira cultural estrangeira (alienígena). Mas, se a autêntica espiritualidade cristã pode ser descrita como "um jeito de ser no mundo com Deus", então – dado que existem *muitas* formas culturais nas quais vivem as pessoas, *muitos* mundos por elas habitados, e *muitas maneiras de* entender e experienciar Deus – a espiritualidade cristã deve ser capaz de encontrar sua expressão autêntica nas muitas formas diferentes que compartilham um núcleo comum de identificação: o discipulado de Jesus.

Embora tenha havido tentativas de respeitar e de ajustar uma pluralidade de formas de vida religiosa, elas muitas vezes parecem estar mais competindo do que contribuindo para compor uma imagem de mosaico ou uma imagem mista cuja diversidade de elementos seja compatível e relevante. Isso produziria a *interculturalidade* (distinta de *multiculturalidade*), que exige um sólido compromisso por parte de todos e de cada membro da comunidade para sair de seu próprio espaço cultural, da sua zona de conforto relativo, para tornar-se um sem espaço, "um fora de lugar" – ou, como Jesus, ele mesmo um estrangeiro – por causa do Reino, do Reino de Deus. Muito mais fácil é a vida multicultural, que muitas vezes não é mais do que um amontoado de pessoas de diferentes culturas que vivem sob o mesmo teto, mas cada qual permanece apegado à sua própria identidade cultural e seus costumes, enquanto não desafiados e chamados à conversão, pelas exigências de uma radical inclusão e igualdade evangélica.



CFI-TOR Assembléia Geral 2013

Se isso é devido a falta de competências adequadas, a uma convicção de ultrapassada de que "o modo antigo é o melhor", de que "nós sabemos melhor do que você" ou de uma combinação de um espírito de independência e falta de vontade para empenhar-se em viver as exigências de um estilo de vida multicultural, então trata-se de uma questão de verificação científica. A vida religiosa terá futuro e só será possível através de um compromisso com a vida *intercultural*, quando o testemunho de construção do Reino no mundo contemporâneo através da missão e da luta constante permanecerem firmes. Porém seremos capazes de crescer em – e apesar de – nossas diferenças, com a resiliência necessária para transformar o mundo somente se estivermos, individuais e coletivamente, enraizados em Cristo. A consequência pode ser o stress produzido, o burnout o cansaço ou a rendição devido ao desânimo ou aparente fracasso. Rick Warren, o fundador e pregador da mega-igreja Americana, na América, afirma que começar a corrida é muito menos importante que chegar ao até o final bem. A resistência exige que "construamos raízes – não modismos, truques ou terapias,".

ENRAIZADO NA CULTURA, ENRAIZADO EM CRISTO

Cada cultura deve garantir que seus novos membros estejam solidamente enraizados através dos processos de *enculturação* ou *socialização para prosperar*. Assim, a criança recém-nascida, sem raízes e sem cultura, torna-se parte de um grupo pré-existente: família nuclear e ampliada e parentesco mais amplo [Fr:parenté]; gradualmente vai amadurecendo num adulto (re) produtivo, depois torna-se um ancião e, finalmente, um ancestral. A socialização bem-sucedida (e cultura-específica) é a medida do membro adulto da sociedade moralmente responsável e responsabilizado - *primária* (até a idade da razão), *secundária* (no início da idade adulta) e *terciária* (contínua, para a idade madura). A socialização primária e secundária determinam a qualidade do enraizamento social de uma pessoa, suas habilidades de adaptação e de maturação que só se tornarão manifestas durante a terceira fase ou na socialização contínua. Isto quer dizer que a capacidade de uma pessoa operar numa situação transcultural não familiar depende significativamente de como a pessoa se percebe a si mesma: uma pessoa forte, uma pessoa estável, uma pessoa bem enraizada, culturalmente – para produzir ramo, flor e fruto -. Se, inicialmente, a pessoa tem uma boa percepção de si, terá melhores condições para lidar com relações múltiplas na idade adulta, do que aquela cujas raízes murcharam ou não conseguiram se desenvolver, devido à má socialização. Daí o imperativo Socrático: primeiro "conheça a si mesmo."



CFI-TOR Assembléia Geral 2013

A investigação e experiência têm mostrado que quanto mais uma pessoa está enraizada numa determinada cultura, mais preparada estará e conseqüentemente capaz de ir além dos seus limites e engajar-se mais amplamente no mundo. O alcance dos galhos de um organismo está significativamente correlacionado com a vitalidade de suas raízes. Aplicando isso para a vida religiosa no mundo contemporâneo, a implicação é que somente se nós estivermos enraizados culturalmente, poderemos esperar que nos tornemos interculturais ou contra-culturais (sem perder ou rejeitar a nossa cultura e suas normas); e somente se estivermos enraizados em Cristo, poderemos mais tarde deixar a nossa casa e peregrinar para onde quer que os caminhos do discipulado devam nos conduzir. Ao assumir tal peregrinação, no entanto, devemos ser ambos discriminativos e abertos às alternativas. Só com um forte núcleo moral e com abertura para uma "vida de diálogo"^[3] com "o outro", será possível convertermo-nos a nós mesmos e nos tornarmos agentes de transformação autêntica.

JESUS: ENRAIZADO NA CULTURA, ENRAIZADO EM DEUS

Todos os seres humanos se comunicam *culturalmente*. Nós não apenas *temos* corpos, mas somos encarnados: não há outra maneira de ser humano. Antes, porém, de podermos nos comunicar, precisamos ser habitados e formados culturalmente, pois toda a comunicação é mediada por nossa individualidade, encarnada, através de uma linguagem e de uma simbolização cultural específicas. Uma personalidade mal enraizada, com uma compreensão inadequada da linguagem terá uma comunicação pobre. Jesus, enraizado em sua cultura e seu *Abba* – plenamente humano e plenamente divino – foi capaz de comunicar a si mesmo: isto é, comunicou a sua pessoa e a sua mensagem. E aqueles que são chamados e enviados em seu nome devem aprender a fazer o mesmo.

Existem dois tipos de conhecimento, algumas vezes, chamados de *externo* e de *interno*. O antigo ("*saber sobre*") é o que podemos aprender sobre as profundezas do oceano ou do espaço exterior – sem, é claro, nunca ter estado lá. É também chamado de conhecimento *acadêmico*, adquirido pelo estudo intelectual e talvez pela investigação e pode perfeitamente ser válido. O outro tipo, igualmente válido é o *conhecimento interno* ("*conhecimento*"). Este é direto ou experiencial e denomina-se o conhecimento do *aprendiz*.

Quando Jesus chama os discípulos (Mt 11,25-29), primeiramente apresenta o contraste "os sábios e inteligentes", com "os pequeninos", e depois diz "aprendam de mim". Estes "sábios e inteligentes" são as pessoas que se auto-designam, que pensam que não têm nada mais a aprender, enquanto os "pequeninos" são



CFI-TOR Assembléia Geral 2013

aqueles cuja socialização está incompleta. Os “pequeninos” ainda têm muito a aprender antes de serem totalmente enraizados na cultura deles. O convite de Jesus não é, simplesmente, para um "aprender *sobre* mim", que envolve o método *acadêmico*. (A teologia Acadêmica é aprender *sobre* Jesus; o contraste autêntico da espiritualidade Cristã que exige o modelo do aprendiz, o levar as pessoas a estarem em contato pessoal com o professor). Jesus chama as pessoas para se tornarem seus *aprendizes*, assim como ele próprio foi o aprendiz de José. Ele aprendeu a carpintaria observando, manipulando ferramentas, praticando, talhando, medindo – e avançando por tentativa e erro.

Os discípulos, assim, precisam realizar dois tipos de *inculturação*: a socialização em sua própria cultura primária e em sua fé Cristã. Se forem bem-sucedido, eles serão duplamente enraizados. Então, sua fé será *inculturada* e só então eles vão, em princípio, ser capazes de transformar o mundo, que é o que envolve seu compromisso com a missão de Jesus.

Considerações para ajudar na reflexão. Primeiramente, a descrição clássica por Pedro Arrupe:

A inculturação é a encarnação da vida e da mensagem cristã em um determinado contexto cultural, de tal forma que esta experiência não só encontra expressão através de elementos adequados para a cultura em questão (que só seria adaptação superficial), mas torna-se um princípio que anima, dirige e unifica a cultura, transformando-a e refazendo-a fazendo surgir uma nova criação. ^[4]

Em seguida, importantes inspirações de Paulo VI:

O que importa é evangelizar as culturas (não de forma decorativa, aplicando como que um verniz, mas de maneira vital, atingindo as suas raízes mais profundas. ^[5]

A evangelização perde muito do seu vigor e eficácia, se ela não levar em conta a realidade do povo, a quem se dirige, se não usar sua língua, seus sinais e símbolos, se não responder às suas questões, e se não tem um impacto em sua vida concreta. ^[6]

Apenas uma Igreja consciente de sua universalidade e que mostre que, de fato, é universal é capaz de ter uma mensagem que pode ser ouvida por todos, independentemente das fronteiras regionais [cultura]. A legítima atenção às Igrejas individuais não pode diminuir o enriquecimento da Igreja. Tal atenção é



CFI-TOR Assembleia Geral 2013

indispensável e urgente. Ela responde às aspirações profundas dos povos e das comunidades humanas para encontrarem sua identidade mais claramente. ^[7]

Paulo aos Efésios:

Que Deus lhes conceda, segundo seu poder glorioso, que sejam fortalecidos pelo seu Espírito em vista do crescimento do ser interior de vocês. Que Cristo habite pela fé os seus corações, arraigados e consolidados na caridade, a fim de que possam, com todos os cristãos, compreender qual seja a largura, o comprimento, a altura e a profundidade, isto é, conhecer a caridade de Cristo, que desafia todo o conhecimento, e sejam cheios de toda a plenitude de Deus. (Ef 3,16-19)

Essas expressões poderosas identificam a importância das raízes da cultura e da fé e requerem nosso respeito pela identidade cultural das pessoas, como a única maneira que têm de viver a sua fé. Mas, embora a cultura seja importante, a razão mais profunda de nossa vida está no chamado a sermos, como diz São Paulo, "cheios de toda a plenitude de Deus", a fim de servir à missão de Deus. O como podemos fazer isso nos força a explorar o desafio da transformação.

TRANSFORMAÇÃO: DESAFIO E POSSIBILIDADE

A palavra transformação é bem destacada no tema: "Transforme o mundo!" Ela é provocante. Antes de deixarmos Assis, vamos tentar esmiuçar bem esta palavra e ver se o seu peso e tamanho vão além do que nossos ombros possam suportar.

Nós podemos ser sujeitos ou objectos de transformação. Enquanto sujeitos, poderíamos transformar algo ou alguém: transformar um deserto em jardim pelo trabalho árduo, ou comportamento típico das pessoas em algo diferente pela persuasão ou coerção. Um historiador diz, claramente, que a Igreja primitiva transformou o poderoso Império Romano num Cristianismo pós-Imperial poderoso, por "exaltação e agressão.

^[8] A verdadeira transformação – teologicamente falando – é a que brota da ação da graça divina na originalidade cultural humana. É o Espírito Santo quem inspira, quem transforma: por nós mesmos nada



CFI-TOR Assembleia Geral 2013

podemos (cf. Jo 15,5). Para que a graça possa trabalhar em nós é preciso que sejamos pessoas de integridade e de virtude pessoal.

Podemos considerar a nós mesmos como objeto ou como receptor? Pode acontecer transformação em nós? Podemos ser transformados? São Paulo disse aos Romanos que não se conformassem com o mundo mas que fossem transformados (Rm 12,2); e assegurou aos Coríntios que se permanecessem fiéis todos seriam transformados (I Cor 15,52). Então, como podemos reconhecer a transformação e como nos comprometer com ela?

A transformação, mais que uma questão de milagre ou magia, é um processo racional, governado por regras. Infelizmente, a palavra é usada como se pudesse ocorrer por um decreto ou fantasia. Tecnicamente, a transformação é *uma mudança radical*: fundamental, fundacional e atinge as raízes. É um grande e poderoso processo de conversão. Uma realidade original torna-se algo novo, incrivelmente diferente e, muitas vezes, irreconhecível. O processo pode ser gradativo ou praticamente instantâneo. Mas a nova realidade sempre *indica a condição ou o estado original*. Três exemplos: A água a uma temperatura de 211° Fahrenheit (99.3° Celsius), é muito quente; mas quando o calor aumenta em um único grau (212° F = 100 C), ela ferve e é *transformada* em vapor. O vapor pode movimentar uma máquina pesada, mas a água quente não pode fazer nada! A divisão de uma partícula radioativa nuclear – plutônio – foi *transformada* na bomba que destruiu Hiroshima. A *transformação* pode, literalmente, mudar o mundo. Pode, também, mudar radicalmente as pessoas. Imagine que uma confessa religiosa preguiçosa chamada Irmã Teresa que, *transformada* pela graça e por sua cooperação para com a graça, tornou-se Santa Teresa de Ávila, a grande mística espanhola.

No processo de transformação sempre há duas partes envolvidas. Em primeiro lugar, se olharmos para a realidade inicial da água, do plutônio ou da jovem espanhola – não é claro para nós a maneira como a natureza será usada ou em que pode vir a se tornar. A água pode, também, ser transformada em gelo; o plutônio, em combustível para produzir eletricidade doméstica; a jovem chamada Teresa, numa famosa cantora espanhola de ópera chamada Teresa Berganza. Em segundo lugar, se olharmos apenas o resultado final, a realidade transformada – Adolf Hitler, Robert Mugabe, Michelangelo ou Francisco ou Clara – cada um deles poderia ser melhor entendido se considerássemos as suas diferentes fases de desenvolvimento humano precedentes. Uma criança pode crescer e tornar-se em Martin Luther ou Martin Luther King, e se estudássemos a vida de cada um poderíamos entender como ela foi sendo gradativamente transformada. Porém, Martin não poderia ser transformado num anjo ou num demônio, ou numa mulher, ou numa criança, porque



CFI-TOR Assembléia Geral 2013

não seguiria as leis da natureza. As implicações, para nós, são rígidas: a pedra nunca será transformada em pão, a mentira nunca produzirá a verdade, a violência nunca trará a paz - e a comunidade religiosa ou uma pessoa sem uma fé tenaz, uma esperança audaciosa, um amor que vá além da morte, jamais serão transformadas e produzirão frutos para o Reino de Deus.

As transformações – linguísticas, musicais, artísticas ou morais – são regidas por regras e não pelo acaso. Então o que podemos nós, nossas comunidades ou a Igreja mais ampla, esperar, e o que está fora de questão? Tudo depende da qualidade de nossas origens, da sabedoria e virtudes acumuladas, do nosso estilo de vida atual. Algumas coisas, no entanto, são certas: assim como um desejo não pode ser transformado num toque de magia como nos contos de fadas onde um sapo é transformado em príncipe, ou uma madrasta malvada em uma mulher confiável, assim, as piedosas aspirações não transformam pessoas em discípulos que têm fome e sede da justiça divina, ou em testemunhas proféticas do Reino e da missão de Deus. A transformação não é magia; a transformação é imprescindível para que os ossos secos voltem a viver. Para ser mais que um slogan, a transformação acontece porque o Espírito de Deus acendeu o fogo novamente. O Espírito só pode fazer isso se nós nos tornarmos o combustível para a chama.

ENRAIZADOS EM DEUS, INCENDIADOS PELO FOGO DO ESPÍRITO, TRANSFORMAR O MUNDO

O título deste tópico, talvez, soe mais otimista do que realista, mais pretensioso do que praticável. Ele, na verdade, expresso o plano de Deus sobre nossas próprias esperanças: estarmos enraizados em Deus, incendiados pelo Espírito de Deus e sermos agentes de transformação do mundo. Qual é o problema? Por que os planos de Deus e as nossas esperanças parecem estar tão longe da realidade? Poderíamos identificar pelo menos três motivos. O chamado divino para que sejamos transformados e para ir transformar o mundo depende inteiramente do estarmos enraizados em Deus e da animação que vem do Espírito de Deus.

Em primeiro lugar devemos olhar profundamente dentro de nós mesmos. Somos dignos de sermos chamados seguidores fiéis de Jesus, quando muitos de nós vivemos confortavelmente e em extrema segurança? Num mundo polarizado pela pobreza e pela riqueza, pela repressão e pela liberdade, pelo egoísmo e pelo heroísmo, os religiosos encontraram um meio-termo: não somos nem congelados nem queimados – embora, talvez, um pouco mornos; nem escravos nem livres – mas, talvez, demasiado rápidos para reivindicar nossos



CFI-TOR Assembléia Geral 2013

direitos; não somos totalmente egocêntricos – mas também não somos os heróis. Nós podemos nos orgulhar de nosso Cristianismo "profissional"; mas muitos de nós somos invisíveis, porque nossos hábitos – trajes religiosos tradicionais ou hábitos pessoais e culturais – não nos identificam como discípulos de Jesus, publicamente comprometidos com o seu Caminho. Somos sinais ilegíveis que são muitas vezes piores do que os sinais sem valor.

Em segundo lugar, podemos olhar ao nosso redor, os escândalos da Igreja institucional: abuso de autoridade ou a questão da sexualidade; a falta de responsabilidade ou as dívidas com os processos legais; à caça às bruxas de teólogos e mulheres religiosas; as ameaças, as pressões e a excomunhão. Enquanto os príncipes da Igreja não só permanecem acima da lei, mas a desrespeitam descaradamente, os bispos encerram os casos para proteger suas frentes, seus lados e seus fundos. Como a ladainha sussurra, ele machuca e escandaliza os fiéis de semana a semana. Como a tinta escorre, como o ressoar dos sinos, como o barulho de um trovão, sobre os temas como se o Concílio Vaticano II fosse evolutivo ou revolucionário; como se nada houvesse mudado; e por que a Igreja não pode (ou não deve) mudar suas regras de ordenação de homens ou mulheres casados, o uso consciente de contracepção, ou atitudes e atos de pessoas homossexuais. No meio disto tudo, as Igrejas do Hemisfério Norte continuam a fechar e a comunidade Cristã perde milhares de seus membros; católicos valorosos são excluídos da Eucaristia em nome de Jesus que, radicalmente, promoveu uma comunidade de inclusão e perdão incondicionais. Se a Igreja institucional fosse um indivíduo, nenhum médico seria capaz de ajudar este paciente sem poder contar com a sua disponibilidade urgente de abordar alguns dos vícios autodestrutivos, de seus maus hábitos e de seus comportamentos anti-sociais que estão minando sua saúde pessoal e familiar. Neste sentido, as perguntas que chegam a nós, religiosos, defensores dos fracos e silenciadas, famintos e sedentos da justiça de Deus e sedentos de Justiça humana são: Quem pensamos que somos? Como poderemos transformar o mundo? O que aconteceu com o fogo do Espírito?

A terceira razão por que os planos de Deus e nossas esperanças parecem difíceis de serem realizados é quando as pessoas, referindo-se a nós, nos exaltam mencionando a palavra profeta em nosso favor, não temos as raízes em Cristo como Oscar Romero, não temos a compaixão de Clara, não temos o carisma de Francisco, nem temos o espírito generoso de Jesus. Nós não cabemos dentro do perfil do Profeta, e temos um longo caminho a percorrer antes de sermos transformados e poderemos refletir o rosto de Jesus. A questão é: Como podemos entrar neste processo de conversão e de transformação contínuos? O quê, antes da morte, ainda é possível interromper, finalmente, nossas boas intenções perpétuas?



CFI-TOR Assembléia Geral 2013

DE VOLTA À CULTURA

Em cada cultura há pecado e graça. Estar bem enraizados na sua cultura – e em sintonia com a do outro – é ser capaz de criticar e afirmar a cultura à luz do Evangelho e da fé. Jesus fez isso, precisamente, em relação ao mundo em que vivia. Porém, não satisfeito em afirmar ou criticar, simplesmente a partir de uma distância, foi levado por sua compaixão a encontrar "o outro", à medida que encarnou a *missio Dei* historicamente na Galiléia e seus arredores.

Só podemos viver a nossa fé inseridos num povo e num contexto específico: o contexto da encarnação e da cultura. A transformação é sempre dependente do contexto e toca pessoas específicas. Não existe um povo em genérico. Não existem "pessoas em geral". Portanto, não podemos amar as pessoas em geral. Cada pessoa é única; e Jesus amou as pessoas particulares. Amou a cada uma na realidade concreta de sua cultura – cuja fé era sem dúvida um dos recursos (forte, fraco, vacilante ou falha). A pregação de Jesus não era abstracta, mas dirigida diretamente àqueles que a "escutavam com os ouvidos" – no tempo dele ou no nosso tempo.

Eis um resumo final do estudioso bíblico Francis Moloney sobre o desafio e do impacto de Jesus:

A intervenção salvífica de Deus na pessoa de Jesus de Nazaré tornou-se parte de uma prática religiosa, uma cultura e uma história, mas aquela cultura, história, e religião foram assumidas e *transformadas* por sua vida, ensinamento, morte e ressurreição. [Sua] 'história de vida' rompeu as expectativas e limitações que a religião [do povo], a cultura e a história teriam preferido impor sobre ele.

Quem Jesus Cristo é, e o que ele pede de seus seguidores, não pode ser 'controlado' ou 'contido' por *qualquer* religião, *qualquer* cultura ou *qualquer* história. Ele nos chama para *transformar* nossas próprias culturas desafiando o pecado que nos faz formadores absolutos de nosso destino. Os seguidores de Jesus se empenham - contra todas as tendências da cultura humana e da história que se contentar com aquilo que conseguiu alcançar – para *transformar* suas culturas particulares, como Jesus se esforçou para transformar a sua. Como sua história de vida nos ensina, tudo tem seu preço. ^[9]

Francisco pôde tanto criticar quanto afirmar as pessoas e a cultura delas, porque estava firmemente enraizado em sua própria cultura e em Deus. Infelizmente, o que era estabelecido, como politicamente correto



CFI-TOR Assembléia Geral 2013

dentro de sua própria comunidade religiosa e em Roma, abafaram a sua ação profética. Paul Moses em seu recente livro, *o Santo e o Sultão*, reavalia a famosa visita de Francisco ao líder muçulmano Malik al-Kamil, em 1219:

A verdadeira história de Francisco e sua tentativa de acordo pacífico foi enterrada. Ela não servia aos propósitos papais que continuavam apoiando as perseguições e as desastrosas Cruzadas. Nem serviam às necessidades da ordem de Francisco. O desejo de Francisco pela paz e o acordo de paz muçulmano em relação às Cruzadas foi colocado à parte e esquecido. Francisco transformou-se num soldado e passou a usar como arma o Evangelho. O muçulmano tornou-se num inimigo malvado. Francisco, no entanto, pensou que os muçulmanos se aproximariam se abordados com amor... [e] tentou parar os perseguidores que enfrentariam a uma batalha desastrosa;... um apelo profético de oposição às Cruzadas circulou entre os frades. O objetivo de Francisco, desde o início, era o de simplesmente viver o Evangelho. Duas passagens destacam-se em seus escritos: "Amem os seus inimigos" (Mt 5,44), e "bem-aventurados os que promovem a paz" (Mt 5,9). Mas, nenhum dos antigos biógrafos de Francisco fizeram alusão a essas passagens das Escrituras que significavam tanto para ele. ^[10]

Nunca é demasiado tarde para qualquer um de nós, considerar Oscar Romero, cujo chamado à transformação chegou ao final de sua vida. A semente estava plantada mesmo que, aparentemente, dormente. A ação da graça e a cooperação dele produziram frutos em abundância, os quais ainda, hoje, estão sendo colhidos. John Sobrino explica a estratégia e as táticas do Arcebispo:

Suas homilias eram incomparáveis... atingiam a todos. Isto não aconteceu por acaso; elas emergiam da reflexão bíblica sobre o que traria luz e iluminaria a realidade do país. Isso reflectia-se na credibilidade de suas palavras. A esperança de Monseñor Romero era a de evangelizar a estrutura da sociedade - algo que ainda hoje é raramente considerado. Ele queria mudar a infra-estrutura econômica e política, as instituições jurídicas, a assistência à saúde e os meios de comunicação social. Ele também queria mudar - evangelizar - a infra-estrutura Eclesial, com sua Cúrias, paróquias, congregações religiosas, instituições educacionais e políticas internas. Ele não se permitia ficar com horizontes limitados, fechado entre as paredes de uma sacristia, escrever cartas pastorais ou focar-se numa missão restrita. Ele realizou tudo o



CFI-TOR Assembleia Geral 2013

que estava ao seu alcance com uma criatividade excepcional e mantendo-se próximo do povo e das comunidades. Ele queria evangelizar o país na sua totalidade – todos: indivíduos, grupos sociais e infra-estruturas – onde houvesse pobreza e injustiça e, também, esperança, solidariedade, fidelidade e martírio. Há um deficit de tal pensamento na Igreja, hoje. ^[11]

Romero estava enraizado em seu próprio contexto; enraizado, pôde identificar o pecado e a graça; pôde liderar e inspirar, assim como, desafiar e condenar. Sua esperança não era modesta mas poderosa! Não era mera fantasia de um sonhador de olhos abertos, mas de uma tenacidade profética. É notável que João Paulo II não tenha ficado impressionado com o desafio que ele fez à Igreja institucional. No entanto, quem era o profeta, Oscar ou João Paulo? Hoje, fala-se muito sobre a necessidade de os religiosos serem profetas. Infelizmente, deve ser dito, o profetismo não é um atributo que qualquer um deva reivindicar. Os verdadeiros profetas, bíblicos ou contemporâneos, são pessoas que não exibem o seu caráter profético; normalmente são tímidos e, habitualmente, *dão a vida pelo carisma*.

O profeta bíblico é muito diferente do sacerdote; e Jesus, o profeta, veio dar fim ao antigo sacerdócio de Israel e inaugurar uma nova era em que cada pessoa tem acesso à Deus e é favorecido por Deus, igualmente. O antigo sacerdote judeu era sagrado, protegido por privilégio, vestidos de brocado, e tinha acesso ao Santo dos Santos. Em contraste, o profeta não era sagrado, mas profano; não era protegido mas exposto; não se vestia com roupas luxuosas, mas com trapos. O *Sagrado* implica que alguém ou algo ordene o respeito religioso; o *profano* (*pro fanum*: 'fora do templo") é completamente o oposto: significa ser publicamente exposto e sujeito de abuso. O profeta fica fora do recinto do templo sagrado, em praça pública, totalmente dedicado à verdade e a justiça de Deus e vulnerável diante da multidão. O profeta, por ser uma presença que pode ameaçar ou desafiar o povo, nunca será uma presença popular, enquanto o sacerdote bíblico poderá sê-lo, pois não representa nenhuma ameaça ao povo e é reverenciado por ele a partir de uma distância segura.

Os *profetas* bíblicos representam uma mudança fundamental no entendimento do povo de Deus, da Providência ou do trabalho da graça no mundo. Onde o destino inexorável instalou-se para controlar e explicar os eventos, a *pregação* servia para mediar quem pregava os inevitáveis eventos. A reputação da pregação dependia inteiramente das previsões corretas. O mundo religioso de Israel, porém, foi construído sobre bases muito diferentes. Deus, não fatalidade cegas, reina; e Deus não é implacável. O Profeta de Deus não busca prever o inevitável nem a sua correta justificação; o Profeta quer que se prove o contrário, alertando às pessoas



CFI-TOR Assembléia Geral 2013

para os sinais de perigo e para as consequências de suas constantes ações pecaminosas, dizendo-lhes que *eles podem mudar, que se se arrependerem e se converterem*, se ouvirem e responderem à graça, a punição poderá ser cancelada. Deus fez um pacto indissolúvel com o povo, mas é preciso que ele escute os profetas e mude de acordo com a pregação deles. O mundo contemporâneo tem necessidade urgente de tais profetas.

BRASAS SOB AS CINZAS, REAVIVAR PELO FOGO

O fogo, não surpreendentemente, dominou o imaginário de renovação da Igreja e seus membros, no dia de Pentecostes, quando os apóstolos estavam inflamados pelo Espírito (At 2,1-4), Paulo aconselhando Timóteo diz: "reavive a chama do dom que Deus lhe deu" (II Tm 1,6). Tendo presente que o fogo evoca o Espírito Santo e é um dos focos do tema que norteia esta sessão, devemos prestar atenção para onde ele nos leva. Um Bispo, no dia de sua ordenação Episcopal, disse:

"Todos nós almejamos uma Igreja Pentecostal, uma Igreja governada pelas leis do Espírito e não por documentos, uma Igreja na qual o entendimento rompe as cercas que erguemos para nos proteger uns dos outros. Estamos todos impacientes com uma Igreja que parece não-Pentecostal, tão limitada e temerosa." [12] Seu nome é Joseph Ratzinger, no ano de 1977.

Vinte anos depois, Joan Chittister escreveu um livro muito desafiador, provocativo, encorajador e esperançoso, *fogo sob cinzas*,^[13] no qual sugere que as cinzas sejam retiradas para que o fogo seja reavivado. Em 2012, o Cardeal Martini evocava a imagem das brasas escondidas sob as cinzas, de Karl Rahner, dizendo: "eu vejo a Igreja, hoje, com tanta cinza sobre as brasas, que muitas vezes me confrontei com um sentimento de impotência. Como podemos libertar as brasas e revigorar o fogo?" [14] Algumas semanas mais tarde, um abade suíço ao apresentar o seu tema, enfatizava: "há falta de coragem, de visão e de criatividade na Igreja de hoje" – justamente como o arcebispo Ratzinger, há quarenta anos atrás, havia exclamado: "o que falta à Igreja é o fogo!" [15]

Queremos ser transformadores, mas não ser transformados. Outros devem fazer algo e nós não somos Romero ou Francisco! Onde estão, hoje, Romero, Francisco ou Clara? Não basta falar de transformação, como se se pudesse lançar um feitiço mágico. As leis de transformação permanecem: um monte de carvão não



CFI-TOR Assembleia Geral 2013

produzirá o fogo. O carvão pode brilhar no alto de uma montanha, mas sem a ignição – uma faísca, uma chama – permanecerá frio, impotente e inoperante. O Espírito de Deus é o fogo, e ele precisa ser aceso em nós e no mundo. O Espírito está tentando acender a chama que parece estar pulsando em nós. Como o Espírito se comunica? Hoje, ele se comunica por meio do insistente chamado de Jesus; através da voz das mulheres; através das vítimas e das crianças; através do diálogo inter-religioso; através do apelo a servir; através da Eucaristia.

O Cardeal Koenig, falando sobre "a falta de confiança no Espírito Santo em Roma, o qual sopra muitas vezes fora dos âmbitos familiares e institucionais, disse que é preciso "novas estruturas que possibilitem espaços para se respirar o Espírito." [16], pois é difícil respirar sem ar fresco. José Comblin disse: "minha esperança é no Espírito Santo; penso que o terceiro milênio será a era do Espírito. O Espírito está muito ativo, agora, mas há um conflito crescente entre a Igreja institucional e a presença do Espírito nas pessoas". [17]. Durante o Sínodo Asiático de 1998, um bispo das Filipinas pediu ao *magistério* da Igreja *para* prestar mais atenção para o *ministério* dos leigos. A alguns de seus colegas Bispos, disse: "Eles já pararam para pensar que na falta de confiança dos leigos pode estar a falta de confiança no Espírito Santo?" [18] E, finalmente, o teólogo Jürgen Moltmann disse que os pecados do patriarcalismo contra as mulheres são pecados contra o Espírito Santo: "Há um sério risco de que a Igreja perca as mulheres no novo século da mesma maneira como tem perdido muitos homens das classes operárias europeias nos últimos anos". [19] Isto já está acontecendo. Então, o que estamos esperando?

Nós, simplesmente, não podemos fazer nada. Um encontro como este deve servir como um catalisador para uma ação urgente. Ninguém pode dizer a alguém o que deve ou não deve fazer, mas cada um de nós pode se perguntar o que podemos fazer e perguntar aos amigos – e inimigos – que nos digam. A velha história do Abba Joseph, o pai do deserto, vem-me à mente:

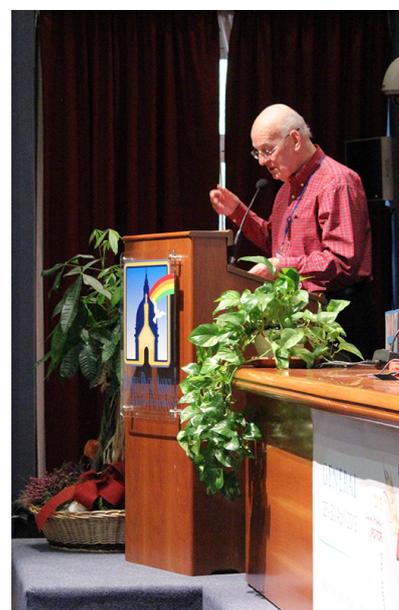
Abba Lot foi ver o velho homem e disse: "tanto quanto eu posso, eu rezo o ofício, faço um pouco de jejum, rezo e medito, vivo em paz, tanto quanto posso e purifico meus pensamentos. O que mais posso fazer?" O velho se levantou e elevou suas mãos ao céu. Seus dedos se tornaram como dez lâmpadas de fogo, e disse: "Se quiser, você pode se tornar uma chama."

Isto é transformação! Podemos viver com isso, ou é, simplesmente, muito para contemplar? Isto é, realmente, muito grande para nossos ombros pobres e fracos suportarem? Certamente, não é fácil; mas pode



CFI-TOR Assembléia Geral 2013

acontecer e é mais do que urgente que aconteça. Exige que estejamos enraizados em Cristo e inflamados pelo fogo do Espírito (cf. Colossenses 2, 6-7). Então você, eu, nós, podemos sair deste lugar uma vez mais, como discípulos fiéis que acreditamos que, com Jesus Cristo, podemos ajudar a transformar o mundo.



NOTAS

¹ Beverly Wildung Harrison, "O poder da raiva no trabalho do amor." Revisão Quinzenal da Associação de Revisão do Seminário, Vol. XXXVI, *complementar*, 1981:50.

² Isto é essencial à tese do grande rabino Jonathan Sacks, em seu escrito *A dignidade da diferença*, 2003.

³ Esta é uma frase da encíclica do Papa João II Paull, 1990 *Redemptoris Missio*. Sua referência a "pessoas de diferentes religiões" certamente se aplica ao companheiros-cristãos. Através de "o diálogo da vida" e do "testemunho de uns aos outros no cotidiano, dos seus próprios valores humanos e espirituais, do ajudar uns aos outros para viver de acordo com esses valores, a fim de construir uma sociedade mais justa e fraterna" (parág. 57)

⁴ Pedro Arrupe, SJ, 1978. Carta a toda a sociedade sobre inculturação", em Aixala J. (ed.) *outros apostolados hoje: selecionado cartas e temas de Pedro Arrupe SJ*, St. Louis, 1981: 172-181.



CFI-TOR Assembléia Geral 2013

⁵ Paulo VI, *Evangelii Nuntiandi*.1975, parágrafo 20.

⁶ Paulo VI, *op. cit.*, parágrafo 63.

⁷, *Loc. cit.*

⁸ Ramsey Mc Mullen, *Cristianização do Império Romano*. New Haven, CT., Yale University Ed), 1984: 119.

⁹ Francis J. Moloney, *"Um duro dizer": O Evangelho e a cultura*. Michael Glazier/litúrgica Press, 2001:175.

¹⁰ Citações Seleccionadas de Paul Moses, *o Santo e o Sultão: As Cruzadas, Islã e na Francisco de Assis, Missão de Paz*.

¹¹ John Sobrino, *Testemunhas para o Reino*. Orbis, Nova Iorque, 2003: 174-5.

¹², Citado por J. J. Hughes em *Tablet*, março 19, 2007:23.

¹³ Joan Chittister, *o fogo sob as cinzas: uma espiritualidade da vida religiosa contemporânea*. Sheed e Ward, 1996.

¹⁴ John Allen, Entrevista Final com o Cardeal Martini, *National Catholic Reporter*, 4 de setembro de 2012: NCR Hoje.

¹⁵ Christa Pongratz-Lippitt, no *National Catholic Reporter*, 20 de dezembro de 2012. "O abade suíço faz ardente apelo pela reforma da Igreja". www.ncronline.org

¹⁶ Citado em *Tablet*, Abril 3, 2004:3.

¹⁷ José Comblin. Esta citação vem de suas colocações (não publicadas) na escola Luterana de Teologia, Chicago em abril de 2000.

¹⁸ Citado em *Tablet*, 2, de maio de 1998:565.

¹⁹ Jürgen Moltmann, citado em "2001 e Além: Preparação da Igreja para o Próximo Milénio," por Thomas Reese, SJ. *América*, 21 De junho de 1997: 10-18. Esta citação, página 13.